



Lição 05

O Filho que redime

01 de Fevereiro de 2026
1º TRIMESTRE 2026
JOVENS

Murilo Alencar

Esboço Da Lição 05

Do 1º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

PLANO PERFEITO

A salvação da humanidade: a mensagem central das Escrituras

Domingo, 01 de Fevereiro de 2026

O FILHO QUE REDIME

Murilo Alencar¹

INTRODUÇÃO

Nesta lição, exploraremos a centralidade de Jesus Cristo como o "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". A imagem do cordeiro, estabelecida no Antigo Testamento através da Páscoa, servia como um símbolo profético de livramento e proteção pelo sangue. O que em Êxodo era uma sombra, em Cristo se torna realidade plena: o sacrifício perfeito que não apenas cobre, mas tira o pecado. Através desta obra vicária, estudaremos como a redenção nos resgatou da escravidão espiritual e como a reconciliação restaurou a nossa amizade com o Pai. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO PRINCIPAL – COMPARANDO TRADUÇÕES

No dia seguinte João viu Jesus aproximando-se e disse: “Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29, NVI).

No dia seguinte, João viu Jesus vindo na direção dele e disse: — Aí está o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! (Jo 1.29, NTLH).

João Batista vê Jesus aproximando-se e faz uma declaração pública sobre sua identidade e missão: Jesus é “o Cordeiro de Deus” e sua obra é “tirar/remover” o pecado, com alcance “do mundo”.

Cristo veio ao mundo não como um rei político. Não veio como um filósofo. Não veio como um mestre moral. Não veio como um operador de milagres. Ele veio para morrer. Veio como Cordeiro de Deus. Veio para derramar seu sangue em nosso favor e fazer expiação dos nossos pecados. Veio fazer o que nenhuma religião, dinheiro ou esforço humano podia fazer. Veio para tirar o pecado do mundo! Cristo é o Salvador soberano e completo. Sua obra foi consumada. Sua obra na cruz foi perfeita, cabal, suficiente para tirar o pecado do mundo.

RESUMO DA LIÇÃO

O sacrifício único de Jesus, como o Cordeiro de Deus, para nos redimir do pecado e nos reconciliar com o Pai, cumpre as profecias, trazendo libertação e perdão definitivo para quem crê.

Atividade diagnóstica a partir da Verdade Prática

Objetivo da ação: verificar se a turma compreende, com as próprias palavras, os termos centrais da Verdade Prática, porquanto isso ajudará o professor a abrir caminho para a exposição da lição.

Materiais: tiras de papel, caneta ou lápis.

Tempo sugerido: 6 a 10 minutos.

¹Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco

Passo a passo

1. Distribuição: entregue uma tira de papel para cada aluno.
2. Orientação: peça que escrevam, sem consultar a Bíblia ou celular, uma definição curta para cada termo, usando as próprias palavras.
3. Termos a definir:
 - Morte vicária
 - Reconciliação
 - Redenção
4. Coleta: recolha as tiras e leia algumas (sem expor nomes).

Perguntas-guia para ajudar o aluno (se travar)

- Morte vicária: “Quem morre? No lugar de quem? Por quê?”
- Reconciliação: “O que foi quebrado? O que foi restaurado? Quem tomou a iniciativa?”
- Redenção: “Do que fomos libertos? Qual foi o preço? Quem pagou?”

Fechamento

Finalize mostrando que esses três termos se encontram na obra do Filho: Ele morre em nosso lugar, restaura a comunhão com o Pai e nos resgata pelo preço de seu sangue. Essa é a base do que a Verdade Prática afirma e do que iremos desenvolver nos pontos e subpontos.

Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?

**Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?**

**Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

1. O CORDEIRO DA PÁSCOA: UM SÍMBOLO DA SALVAÇÃO

Ideia central do ponto: A Páscoa representa livramento pelo sangue e aponta para Cristo (Êx 12; 1Co 5.7).

1.1 O contexto do Cordeiro da Páscoa.

Ideia central: A escravidão no Egito ilustra a escravidão do pecado e a necessidade de intervenção divina (Êx 1.12-13; Rm 5.12).

O aluno deve sair sabendo: explicar por que a condição humana exige uma libertação que só pode vir de Deus.

A LIÇÃO DIZ: *A primeira vez que a imagem do Cordeiro de Deus aparece de forma clara na Bíblia é em Êxodo 12. É nesse capítulo que Deus institui a Páscoa, e o cordeiro se torna símbolo de livramento.*

Em Êxodo 12, a longa batalha entre a teimosia de Faraó e o Deus todo poderosos chega ao seu momento decisivo. As nove pragas anteriores, sangue, rãs, piolhos, moscas, peste nos animais, úlceras, granizo, gafanhotos e trevas, serviram como advertências em forma crescente. Elas foram uma demonstração de poder e superioridade. Faraó teve chance após chance de se humilhar, mas endureceu seu coração. Agora, o tempo de negociação havia acabado; chegou o momento do juízo final.

Faraó não era apenas um rei humano, ele era considerado divino, o "Filho de Rá" (o deus sol) e a encarnação de Hórus. Ele era o mediador entre os deuses e os homens e o mantenedor da *Ma'at* (a ordem cósmica). Quando Faraó perguntou "Quem é o Senhor?" (Êx 5.2), ele estava desafiando a autoridade de um deus que ele considerava irrelevante diante de seu próprio status divino. Porém, ele estava descobrindo da forma mais dolorosa possível que não passava de pó diante do SENHOR todo poderoso.

Para os egípcios (e muitos povos antigos), o filho primogênito não era apenas mais uma criança; ele era o herdeiro, o futuro da família e a continuação da linhagem. Ao tirar a vida dos primogênitos, Deus estava cortando o futuro do Egito.

A narrativa do Êxodo é desenhada para mostrar que a libertação humana é impossível por esforço próprio. Quando Moisés tentou intervir pela força, ao matar o egípcio, ele falhou, foi rejeitado pelos seus compatriotas e, vergonhosamente, precisou fugir (Êx 2.11-15). Em seguida, o texto desloca o foco para a ação soberana do Senhor, que liberta Israel com "mão forte" e "braço estendido" (Êx 6.1; 6.6). Deus ouviu o clamor do povo e desceu para os livrar. Dessa forma, o livro do Êxodo ensina que a salvação não é o resultado de ações humanas, e sim obra de Deus, que desce para agir em favor do seu povo (Êx 3.7-8).

Além disso, o objetivo do Senhor vai além da saída do Egito: Ele prometeu tirar, remir e, então, tomar Israel por seu povo, estabelecendo uma relação de aliança: "Eu vos tomarei por meu povo e serei o vosso Deus" (Êx 6.7). Por isso, a libertação tem um alvo: posse e culto, pois o povo de Israel foi libertado para servir ao Senhor e cultuá-lo (Êx 4.23; 3.12). Em termos neotestamentários, essa mesma lógica se cumpre em Cristo, quando Deus nos liberta do domínio das trevas e nos transporta para o reino do Filho, em quem temos redenção (Cl 1.13-14).

1.2 A instituição da Páscoa.

Ideia central: Deus ordena que o cordeiro seja sem defeito, o sangue será como sinal de livramento, e os israelitas devem estar prontos para partir (Êx 12.3-7,11).

O aluno deve sair sabendo: descrever o papel do sangue e da obediência no livramento pascal.

A LIÇÃO DIZ: *Ele [Deus] deu orientações bem específicas: cada família deveria escolher um cordeiro de um ano, sem defeito, matar o animal ao entardecer e passar o sangue dele nas ombreiras das portas. Além disso, todos deveriam comer a carne do cordeiro vestidos e prontos para sair do Egito (Êx 12.4,5,7,11). Naquela noite, o Anjo da Morte passou pelo Egito. As casas que tinham o sangue do cordeiro, no local indicado por Deus, foram poupadas. Ninguém morreu ali (Êx 12.12-14,23,37,38,51). Mas nas casas egípcias, onde não havia sangue, os primogênitos morreram (Êx 12.29). Esse livramento marcou a história de Israel.*

1.2.1 O Substituto perfeito: a natureza do cordeiro (Êx 12.3-5). A ordem divina começa com a seleção da vítima. No décimo dia do mês, cada família (ou conjunto de famílias pequenas) deveria escolher um animal. O texto hebraico (*seh*) refere-se a um animal jovem do rebanho, uma ovelha. A exigência de que fosse "sem defeito" (hebraico *tāmīm*) é importante. Deus não aceita o que é imperfeito, doente ou secundário. O animal precisava ser "macho de um ano", o que indica um animal vigoroso, no auge de sua vitalidade, não um recém-nascido frágil ou velho e doente. Aqui vemos o princípio da substituição penal. O cordeiro não morre por seus próprios erros; ele morre para preservar a vida de outros. A

perfeição física do animal apontava para a necessidade de uma perfeição moral que o ofertante não possuía. O cordeiro funcionava como um "substituto": uma vida inocente dada em troca da vida culpada do primogênito.

- 1.2.2 O sangue: proteção, propiciação e apropriação (Êx 12.7,13,22). O sangue deveria ser recolhido em uma bacia e aplicado com um feixe de hissopo (uma planta comum usada como escova/aspersor) nas duas ombreiras (laterais) e na verga (topo) da porta. O sangue servia como um "sinal". É crucial notar que o sangue não tinha poder mágico intrínseco; sua eficácia dependia da promessa de Deus ligada a ele. O texto diz: "vendo eu o sangue, passarei por cima de vós". O verbo "passar por cima" (*pasach*) dá nome à festa (Páscoa). Indica que o juízo de Deus não atingiria aquela casa porque a morte já havia ocorrido ali (a do cordeiro).
- 1.2.3 A refeição e a prontidão (Êx 12.8-11). A carne deveria ser comida naquela mesma noite, assada no fogo (não cozida, para ser uma refeição rápida e única), com pães ázimos (sem fermento) e ervas amargas. **Ervas amargas:** Lembravam a amargura da escravidão que estava ficando para trás. **Pães ázimos:** Simbolizavam a pressa. Não houve tempo para a massa levedar. Além disso, o fermento na Bíblia é frequentemente símbolo de corrupção e pecado. Comer pão sem fermento simbolizava uma ruptura com a velha vida de corrupção do Egito. **Postura:** Lombos cingidos (túnicas presas ao cinto para correr), sandálias nos pés (normalmente não usadas dentro de casa) e cajado na mão. Esta postura demonstrava fé na promessa futura. Eles estavam comendo a refeição da libertação enquanto ainda estavam escravizados, mas vestidos como homens livres prontos para partir.
- 1.2.4 O juízo: o destruidor e a distinção divina (Êx 12.12,23,29). À meia-noite, o Senhor feriu todos os primogênitos do Egito, desde o filho do Faraó até o do cativo no calabouço, e até os animais. Por que os israelitas precisavam do sangue? Porque eles também eram pecadores. Sem o sangue, o primogênito israelita teria morrido tanto quanto o egípcio. A distinção não foi étnica ou moral, mas baseada na graça e no sangue do substituto.

1.3 A tipologia do Cordeiro Pascal.

Ideia central: O cordeiro substitutivo e o sangue nos umbrais prefiguram o sacrifício de Cristo (Êx 12.7,23,27; 1Co 5.7; Hb 9.22).
O aluno deve sair sabendo: relacionar a Páscoa e a cruz, mostrando a tipologia e o cumprimento.

A LIÇÃO DIZ: *Hoje, esse cordeiro é uma tipologia profética de Cristo Jesus. Aqui temos duas imagens vívidas e simbólicas que remontam ao sacrifício de Jesus: o Cordeiro Pascal como um sacrifício substitutivo no lugar dos primogênitos (Êx 12.27), que simboliza nosso Senhor como Aquele que foi sacrificado por nós (1Co 5.7); e o sangue nos umbrais das portas, que salvou as famílias israelitas (Êx 12.7,23), simboliza o sangue de Cristo derramado na cruz do Calvário para nos livrar do pecado (Hb 9.22).*

Muitas pessoas confundem tipologia com alegoria, mas a diferença é fundamental para não cairmos no erro de inventar significados que a Bíblia não tem.

Pense na Tipologia como uma profecia feita através da história. Um "Tipo" é uma pessoa, evento ou instituição *real e histórica* no Antigo Testamento que Deus desenhou propositalmente para servir como um "modelo", "sombra" ou "rascunho" de uma realidade maior que viria no futuro (o "Antítipo"), geralmente Jesus Cristo. A Tipologia respeita a história. O evento aconteceu de verdade e teve um significado real para as pessoas daquela época, mas Deus o desenhou para apontar para algo maior.

Se você vê a sombra de alguém virando a esquina, você sabe que a pessoa real está chegando. O Antigo Testamento é a sombra; Jesus é a realidade (o corpo) que projeta essa sombra.

A diferença entre tipologia e alegoria:

Alegoria. Busca um significado oculto ou secreto por trás do texto, muitas vezes ignorando o contexto histórico. Exemplo de erro (Alegoria): "A madeira da porta representa a cruz porque é madeira". Isso é subjetivo e ignora que portas eram feitas de madeira por motivos práticos.

Tipologia. Busca a conexão histórica e teológica estabelecida pelo próprio Deus. Exemplo correto (Tipologia): "O cordeiro morreu para salvar o primogênito da morte física (história); Jesus morre para salvar o crente da morte eterna (cumprimento)". A conexão está na *função* de substituição e salvação, confirmada pelo Novo Testamento.

A relação de tipo e antítipo:

Contexto histórico (O tipo). Para a família israelita, o cordeiro precisava ser fisicamente perfeito (sem doenças ou manchas) porque Deus exigia o melhor. Ele morria fisicamente como um substituto: a vida do cordeiro no lugar da vida do filho primogênito.

O cumprimento em Cristo (O antítipo). Jesus é o verdadeiro Cordeiro de Deus. A exigência de ser "sem defeito" aponta tipologicamente para a impecabilidade moral de Jesus. Ele não tinha pecado (1 Pe 1.19). A tipologia nos ensina que Deus exige perfeição; como não a temos, precisamos de um Substituto perfeito que morra em nosso lugar.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

2. JESUS: O CORDEIRO DE DEUS QUE TIRA O PECADO DO MUNDO

Ideia central do ponto: Jesus é o Cordeiro definitivo anunciado por João, suficiente para remover o pecado (Jo 1.29; Hb 9.26).

2.1 O Cordeiro de Deus.

Ideia central: As imagens do cordeiro sacrificial convergem em Jesus, proclamado como quem tira o pecado do mundo (Jo 1.29; Is 53.7).

O aluno deve sair sabendo: explicar por que o "Cordeiro" descreve a missão salvadora de Jesus.

A LIÇÃO DIZ: *É bem verdade que, em Êxodo 12, o sacrifício do Cordeiro Pascal não era para tirar o pecado. Contudo, tinha a ver com a luta entre a vida e a morte, conforme estudamos acima. Mais tarde, no sistema de sacrifícios do Antigo Testamento, o cordeiro recebe essa conotação de expiação do pecado. Em Isaías 53, de maneira profética, é apresentada a imagem de um Cordeiro que sofre e é levado ao matadouro. Essas imagens do Cordeiro Pascal que marcam o livramento de um povo — do Cordeiro que expia o pecado no sistema de*

sacrifícios do Antigo Testamento e, principalmente, do Cordeiro em Isaías 53, na profecia do Servo Sofredor, que morre no lugar de outro — são evocadas por João Batista quando ele proclama; “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29).

Habitualmente aqui surge uma pergunta: João Batista estava se referindo ao cordeiro pascal (Êx 12 13; cf. Jo 19.36; 1 Co 5.7; 1 Pe 1.19), ao cordeiro para a oferta diária (Nm 28.4) ou ao cordeiro de Isaías 53.6-7,10? Bons motivos foram apresentados para cada uma destas posições: para a primeira, que a Páscoa estava perto; para a segunda, que a morte destes cordeiros era uma ocorrência diária e, portanto, bem conhecida do povo a quem João falou; para a terceira, que João Batista tinha descrito a si mesmo e à sua tarefa justo no dia anterior em termos tomados de Isaías (c. 40). Mateus também estava familiarizado com Isaías 53 (veja Mt 8.17); assim como Pedro (1 Pe 2.22), o evangelista Filipe (At 8.32) e o autor da epístola aos Hebreus (Hb 9.28). Todavia, por que é necessário fazer uma escolha? Não são todos esses tipos cumpridos em Cristo? Não é ele o antítipo para o qual todos apontavam (cf. 1 Pe 1.19; 2.22)?

O que João estava dizendo, em outras palavras, mesmo sem perceber todas as implicações do que anunciava, era que os recursos humanos falham diante do pecado, e que ali estava o recurso de Deus para tratar o problema na sua raiz. Ali estava a providência divina para a solução do mal: o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo (Jo 1.29).

2.2 “Aniquila o pecado”.

Ideia central: Cristo oferece um sacrifício único e final, diferente dos sacrifícios repetidos (Hb 9.26).

O aluno deve sair sabendo: distinguir repetição do AT e a suficiência do sacrifício de Cristo.

A LIÇÃO DIZ: Na Carta aos Hebreus 9.26, lemos: “Doutra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo; mas, agora, na consumação dos séculos, uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo”. Esse versículo evoca uma verdade afirmada em toda a Carta aos Hebreus, bem como a expressão usada por João Batista, “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”; havia apenas um propósito no ministério de Jesus: “aniquilar o pecado”.

Hebreus 9.26 faz um contraste lógico:

Se o sacrifício de Cristo fosse como os sacrifícios repetidos do antigo sistema, ele teria de “sofrer muitas vezes” desde a criação.

Mas, de fato, ele “apareceu uma única vez” (ênfase na unicidade) “na consumação das eras” para remover/anular o pecado por meio do sacrifício de si mesmo.

Quando João Batista disse que Jesus tira o pecado do mundo, ele não quis dizer que todos os pecados de todas as pessoas estavam, portanto, perdoados. A morte de Cristo era o suficiente em valor para pagar os pecados do mundo inteiro, mas somente aqueles pecadores que recebessem o Senhor Jesus como Salvador seriam perdoados.

J. C. Jones chama a atenção para esse versículo que mostra a excelência da expiação cristã:

2.2.1 É superior na *natureza* da vítima. Enquanto os sacrifícios do judaísmo eram animais irracionais, o sacrifício do cristão é o Cordeiro de Deus.

2.2.2 É superior na *eficácia* do trabalho. Enquanto os sacrifícios judaicos só traziam o pecado à lembrança a cada ano, o sacrifício do cristão tirou o pecado. “Ele tirou o pecado pelo sacrifício de si mesmo”.

- 2.2.3 É superior no âmbito de sua operação. Enquanto a finalidade dos sacrifícios judaicos era o benefício de uma única nação, a finalidade do sacrifício cristão é para todas as nações: “... tira o pecado do mundo”.

2.3 O poder do sangue de Jesus.

Ideia central: O sangue de Cristo garante a remissão e a purificação, lembradas na Ceia (Hb 9.22; Mt 26.27-28; 1Co 11.25; 1Jo 1.7).

O aluno deve sair sabendo: resumir o que o sangue assegura ao crente: perdão e purificação.

A LIÇÃO DIZ: *No Antigo Testamento, o sumo sacerdote oferecia, todos os anos, sacrifícios com sangue de animais (Hb 9.25). Mas Jesus fez diferente: Ele entregou a si mesmo e ofereceu o seu próprio sangue por nós quando morreu na cruz (Hb 9.22). O sangue de Jesus tem um significado muito forte para a nossa fé. Tanto que, na Ceia do Senhor — uma das ordenanças da Igreja —, o cálice representa o sangue de Cristo (Mt 26.27,28; 1Co 11.25). Quando participamos da Ceia, estamos lembrando de que foi o sangue de Jesus que nos trouxe vida.*

Quero destacar o poder do sangue de Jesus em três pontos.

- 2.3.1 O sangue de Jesus nos dar vitória sobre o pecado. “...e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1 Jo 1.7). O sangue de Jesus tem o poder para remover a culpa que pesava sobre nós, cancelando toda sentença de morte eterna que trazíamos: “tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz” (Cl 2.14). Por meio do sacrifício vicário, ou seja, substitutivo de Jesus, fomos declarados inocentes e liberados para prosseguir caminhando, agora rumo à comunhão com Deus: “Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre. Ora, onde há remissão destes, já não há oferta pelo pecado. Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne” (Hb 10.17-20).
- 2.3.2 O sangue de Jesus nos vitória contra a velha natureza. “Portanto, se o sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha, aspergidos sobre os contaminados, os santificam, quanto à purificação da carne, muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!” (Hb 9.13,14). É o sangue de Cristo que nos dá poder para vencermos as obras mortas e vivermos de acordo com os princípios de vida estabelecidos por Deus.
- 2.3.3 O sangue de Jesus nos dar vitória sobre o Diabo e suas obras. “Então, ouvi grande voz do céu, proclamando: Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus. Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida” (Ap 12.10,11).

A expressão “Ceia do Senhor” é a forma mais bíblica de nomear essa prática, porque o próprio Novo Testamento a chama assim (1Co 11.20). O ponto do nome é preservar a sua: a Ceia pertence ao Senhor, foi instituída por Ele e aponta para a obra dEle (Lc 22.19-20). Por isso, embora muita gente use “Santa Ceia”, esse rótulo, em certos contextos, acaba se aproximando de um vocabulário mais sacramental, isso acontece por influência católica romana.

Na Ceia, a igreja não repete o sacrifício de Cristo, pois Ele se ofereceu uma vez por todas (Hb 9.26-28; 10.10-14). Antes, ela recorda e proclama a morte e a ressurreição de Jesus: “fazei isto em memória de mim” (Lc 22.19; 1Co 11.24-25) e “anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha” (1Co 11.26). Assim, a Ceia aponta para trás, para a obra consumada na cruz, e aponta para a frente, para a volta de Cristo, lembrando à Igreja que a sua vida e o seu perdão dependem do sangue derramado pelo Cordeiro (Mt 26.28; Jo 1.29).

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

3. REDENÇÃO E RECONCILIAÇÃO POR MEIO DA OBRA SALVÍFICA DE CRISTO

Ideia central do ponto: A cruz resgata do domínio do pecado e restaura comunhão com o Pai (Cl 1.13-14; 2Co 5.18-19).

3.1 A Redenção.

Ideia central: Ser redimido é ser resgatado por preço um pago, pelo sangue de Cristo (1Pe 1.18-19).

O aluno deve sair sabendo: definir redenção como resgate e aplicar à nova condição do salvo.

A LIÇÃO DIZ: *A salvação tem a ver com um alto preço pago: o sangue de Jesus. Essa é uma obra extraordinária que muda totalmente a nossa condição, que antes era de pecado, indignidade e corrupção. Jesus nos resgatou, nos redimiu — e isso muda tudo!*

Todo mundo precisa de redenção. Nossa condição natural era caracterizada por culpa: “pois todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). A redenção de Cristo nos libertou dessa culpa: “sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3.24).

Os privilégios de redenção incluem vida eterna (Ap 5.9-10), perdão dos pecados (Ef 1.7), justiça (Rm 5.17), liberdade da maldição do pecado (Gl 3.13), adoção à família de Deus (Gl 4.5), libertação da escravidão do pecado (Tt 2.14; 1Pe 1.14-18), paz com Deus (Cl 1.18-20) e a habitação do Espírito Santo na vida do cristão (1Co 6.19-20). Ser redimido, então, é ser perdoado, santo, justificado, abençoado, livre, adotado e reconciliado. Veja também Sl 130.7-8; Lc 2.38; At 20.28.

A palavra redimir significa “comprar os direitos”. O termo era usado especificamente em referência à compra da liberdade de um escravo. A aplicação desse termo à morte de Cristo na cruz é bem notável. Se somos “redimidos”, então a nossa condição anterior era uma de escravidão. Deus comprou nossa liberdade, e não somos mais escravos do pecado ou da lei do Velho Testamento. Esse uso metafórico de redenção é o ensinamento de Gl 3.13 e 4.5.

Relacionada ao conceito cristão de redenção é a palavra resgate. Jesus pagou o preço da nossa liberação do pecado (Mt 20.28; 1Tm 2.6). Sua morte foi uma troca por nossa vida. Na verdade, a Bíblia deixa bem claro que redenção só é possível “pelo sangue” (quer dizer, por sua morte) (Cl 1.14).

3.2 A Reconciliação.

Ideia central: Em Cristo, Deus restaura o relacionamento rompido pelo pecado (2Co 5.18-19).

O aluno deve sair sabendo: explicar a reconciliação como o retorno da comunhão e o acesso a Deus (Hb 4.16).

A LIÇÃO DIZ: *A Palavra de Deus também nos mostra que a obra de salvação realizada por Cristo nos reconciliou com Deus. Em outras palavras, em Cristo, Deus estava restaurando o nosso relacionamento com Ele, que havia sido quebrado por causa do pecado (2Co 5.18,19). A reconciliação é justamente isso: a volta da comunhão entre Deus e o ser humano. Essa verdade é uma das bases da salvação.*

A reconciliação é a restauração de um relacionamento a um estado harmonioso após uma disputa; é a obtenção de um acordo a partir da discórdia entre duas partes. A reconciliação cristã é a obra de Deus, por meio de Cristo, pela qual Ele restaura a humanidade a um relacionamento favorável consigo mesmo.

O meio que Deus usou para nos reconciliar consigo mesmo foi o seu próprio Filho, Jesus Cristo: “Mas todas essas coisas procedem de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação. Pois Deus estava em Cristo reconciliando consigo mesmo o mundo, não levando em conta as transgressões dos homens; e nos encarregou da mensagem da reconciliação” (2Co 5.18-19). Na verdade, foi “porque se nós, quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida” (Rm 5.10). A morte de Jesus faz toda a diferença. Quando Cristo morreu, Ele fez “a paz pelo sangue da sua cruz” (Cl 1.20).

A graça e a bondade de Deus estão plenamente manifestadas na reconciliação cristã. “A vós também, que no passado éreis estrangeiros e inimigos no entendimento por causa das vossas obras más, agora ele vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte, a fim de vos apresentar santos, inculpáveis e irrepreensíveis diante dele” (Cl 1.21-22).

Como aqueles que foram reconciliados com Deus, recebemos “o ministério da reconciliação” (2Co 5.18). Foi-nos confiada “a mensagem da reconciliação” (2Co 5.19). Agora levamos o evangelho a um mundo moribundo, dizendo: “suplicamos-vos por Cristo que vos reconcilieis com Deus” (2Co 5.20). O sacrifício perfeito de Jesus na cruz fez expiação pelo pecado (Hb 2.17).

3.3 Vivendo como redimidos e reconciliados.

Ideia central: A nova posição em Cristo produz liberdade, proximidade e vida coerente com a graça (Cl 1.13-14; Ef 2.13).

O aluno deve sair sabendo: identificar as marcas práticas do redimido: gratidão, comunhão e abandono do velho padrão de vida.

A LIÇÃO DIZ: *A cruz de Jesus abriu o caminho para uma vida nova, longe da escravidão do pecado e perto do coração de Deus. Agora, nada nos impede de viver uma vida com propósito e intimidade com o Pai. Por isso, viva cada dia como alguém que foi perdoado, liberto e acolhido — e não como quem ainda está preso ao passado de pecado.*

Vamos destacar três marcas daqueles que foram redimidos e reconciliados:

3.3.1 Gratidão. A ingratidão é uma marca do paganismo (Rm 1.21), enquanto a ação de graças é esperada do cristão. A vontade de Deus é que o crente dê graças em tudo (1Ts 5.18). Isso não significa dar graças pelo mal moral, mas louvar a Deus sabendo que Ele transforma o mal em bem e que a Sua providência é generosa. Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, (Ef 5.20). E sede agradecidos, (Cl 3.15). Que darei eu ao Senhor por todos os benefícios que me tem feito? Tomarei o cálice da salvação [...], (Sl 116.12-14).

3.3.2 Comunhão. A redenção não faz do crente um ser antissocial, mas o insere em uma nova família. A palavra grega *koinonia* descreve essa participação comum na vida de Cristo e uns com os outros. A comunhão é dupla: vertical (com Deus) e horizontal (com os irmãos). A nossa comunhão com os irmãos

deriva da nossa comunhão com o Pai e com o Filho. E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações, (At 2.42). Se, porém, andarmos na luz... mantemos comunhão uns com os outros, (1Jo 1.7).

- 3.3.3 Abandono do velho padrão de vida. Uma das marcas distintivas do redimido é a ruptura radical com o estilo de vida anterior à conversão. É descrito como "despir-se" do velho homem e "revestir-se" do novo. O cristão deve "despir-se" das práticas da velha natureza (ira, malícia, mentira, imoralidade) como quem tira uma roupa suja e "revestir-se" de Cristo (misericórdia, bondade, humildade). Fomos resgatados de um "fútil procedimento" herdado (1Pe 1.18), de uma vida vazia e sem propósito.

CONCLUSÃO

A obra de Jesus Cristo representa o cumprimento perfeito das sombras do Antigo Testamento. Como o Cordeiro de Deus, Seu sacrifício único e vicário superou os rituais repetitivos da Antiga Aliança, oferecendo uma solução definitiva para o pecado.

Através da redenção, fomos resgatados da escravidão espiritual por um preço inestimável: Seu sangue. Pela reconciliação, o abismo entre a humanidade e o Pai foi removido, restaurando a comunhão plena. Hoje, o cristão é chamado a viver essa nova realidade mediante a gratidão, a vida em comunhão e o abandono das velhas práticas.

ABRA A JAULA

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as Doutrinas da Bíblia**. São Paulo: Editora Vida, 2009.
- HORTON, Stanley M. (ed.). **Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. Seções de Hamartiologia e Soteriologia.
- PORTO, Gabriel de Oliveira. **Homem, pecado e salvação**. São Paulo: GOP Publicações, 2017.
- OLSON, Roger E. **Teologia Arminiana: mitos e realidades**. 1.ed. São Paulo: Editora Reflexões, 2013.
- SOARES, Esequias (org.). **Declaração de fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.